

SEIS POEMAS INÉDITOS DO BRASILEIRO

MANUEL DE MACEDO PEREIRA DE VASCONCELOS

FRANCISCO TOPA*
ftopa@letras.up.pt

Além dos poetas maiores da chamada “plêiade mineira”, o Brasil viu nascer no século XVIII um número considerável de outros autores, quase todos ignorados pela história literária. Reconhecendo embora que o interesse estético das suas obras é muitas vezes menor, creio que o seu conhecimento e o seu estudo podem trazer dados importantes para a reconstituição do panorama literário luso-brasileiro do período em causa.

Manuel de Macedo Pereira de Vasconcelos é um desses autores esquecidos, apesar de ter alcançado na sua época alguma fama como orador sacro e como poeta. De acordo com Inocêncio Francisco da Silva¹ — que basicamente reproduz a informação de Barbosa Machado² —, Manuel de Macedo nasceu a 5 de Maio de 1726, no Sacramento. Vindo para Lisboa em data desconhecida, ordena-se presbítero e, a 2 de Fevereiro de 1747, toma a roupeta de S. Filipe de Neri, na Congregação do Oratório. Terá regido, durante algum tempo, uma cadeira de Retórica e Poética no hospício de N.ª Sr.ª das Necessidades. Em 1760 (ou 1761, segundo Teófilo Braga³), quando foram perseguidos alguns padres do Oratório, Macedo saiu da congregação para o estado de presbítero secular. Ainda segundo Inocêncio, é provável que tenha morrido depois de 1788.

* Membro do Núcleo de Estudos Literários da FLUP.

¹ *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 42.

² *Bibliotheca Lusitana*, vol. IV, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1769, pp. 220-221.

³ *A Arcadia Lusitana — Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Livraria Chardron, 1899, p. 222.

2.º Duque de Lafões, a propósito da fundação da Academia Real das Ciências, em 1779. Temos ainda um romance em decassílabos sobre o terramoto de 1755, apresentado como uma punição divina e marcado por um tom de contrição.

Parece-me claro que os seis novos textos de Manuel de Macedo não permitem rever o seu estatuto de poeta menor, incontornável desde logo pela escassez da obra. Creio contudo que fica pelo menos esbatido o ridículo que lhe veio da participação no episódio da *Zampernieida*, ao mesmo tempo que se esboça o perfil de um autor capaz de experimentar com alguma habilidade registos diversos da poesia da época.

Terminada esta rápida apresentação, editarei de seguida os poemas em causa, de acordo com as normas que tenho vindo a seguir para a publicação de textos deste período⁷.

1. Ode *Quando a saudade intensa*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 1141, pp. 147-152

Ode

Quando a saudade intensa
O peito deixará de atormentar-me?
Gentil, gentil presença
Da minha Órmina? Quando para dar-me
5 Algum alívio ao coração saudoso,
Te lograrei gostoso?

Não há breve momento
Que n'alma te não veja retratada;
Tu do meu pensamento
10 Um instante não vives separada;
A mágoa inconsolável de não ver-te
Quem poderá dizer-te?

⁷ Ver, por exemplo, *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*, Porto, Edição do Autor, 2001, pp. 43-51.

- Nunca pelo Horizonte
A frouxa luz da Aurora se derrama
15 Que eu no vale ou no monte
Aonde me conduz de Amor a chama
Não esteja o teu Nome articulando
 Com um suspiro brando.
 «Órmina, bela Órmina»;
- 20 É esta a doce voz que sempre soa;
 Gostosa esta campina,
A ver-me vem, a consolar-me voa;
A piedade te mova o extremo dano
 Do teu fiel Lemano.
- 25 Se viras como eu ando,
Pálido transportado tristemente,
 Os ares atroando
Com os ais que desta alma arranco ausente,
30 Que terna comoção te não faria?
 Qual tua dor seria?
- Que as Ninfas, que os Pastores,
De prazer inundando os verdes Prados,
 Ornem de frescas flores,
Um as testas, outros os cajados;
35 Nada me alegre, nada me dá gosto,
 Se não vejo o teu Rosto.
- Se o simples Passarinho
Alguma vez sucede estar pendente
 Do rústico raminho,
40 Cantando ao som da plácida corrente;
Comigo digo: «Quem da bela Órmina
 Ouvira a voz divina?»

42. Ouvira| Ouvirá

42. Suponho que há gralha no original: a forma de futuro torna menos natural a crase, indispensável à regularidade métrica do verso. Além disso, o contexto semântico parece recomendar a forma de mais que perfeito.

Cervo que foi ferido
 De agudo dardo, na calmosa sesta,
 45 Pela mão sacudido
 Do destro Caçador, que na Floresta
 O esperava; com que ânsia não procura
 Banhar-se n'água pura?
 Maior é a impaciência
 50 Com que notícias tuas sempre espero,
 Para na dura ausência
 Mitigar da saudade o rigor fero;
 Não paro, não sossego, não descanso
 Enquanto as não alcanço.

55 Ao tê-las, de que afectos
 O terno coração possuído vejo?
 Que suspiros discretos?
 Que transportes? Que cândido desejo?
 Ao peito as uno; de ternura choro;
 60 A mão que as manda, adoro.

Mas se triste acidente
 Faz com que as não receba, perco o tino;
 Fujo, fujo da gente;
 Blasfemo, chamo injusto o meu destino;
 65 Bela Órmina, não é, não é tão forte
 A agonia da morte!

E não pede a justiça
 Que de ver-me {a} ocasião me facelites?
 Ah, não sejas remissa;
 70 Dificuldades vãs não permedites;
 Ao saudoso Lemano acode, acode;
 Que quem quer, muito pode.

68. Esta supressão é imposta pela métrica. Mesmo assim, para que o verso possa ser lido como decassilábico, é obrigatória a sinérese em *ocasião*.

2. Soneto *Raivoso contra mim Amor um dia*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 8610, p. 53

Soneto

Raivoso contra mim Amor um dia
A um robusto tronco me prendeu,
Ligou-me as mãos, o peito me rompeu
Com uma seta venenosa e fria.

309

5 Já da roxa ferida me corria
Tanto sangue, que a terra emudeceu,
Mas a nada o tirano se moveu,
Antes novos estragos me fazia.

10 Queixava-me eu da sua crueldade,
Quando uma Ninfa em tantas aflições
Me socorreu com mostras de piedade;

Desatou-me as aspérrimas prisões
E entendeu que me dava liberdade,
E preso me deixou noutras prisões.

3. Soneto *Tão docemente tem de vós cantado*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 8610, p. 54

Soneto

Tão docemente tem de vós cantado
Os cisnes suavíssimos do Tejo
Que às vezes de escutá-los, meu desejo
No mais vivo furor foi transportado.

5 Apenas tenho a lira temperado,
Vou a ferir a corda, ó Céus, que vejo?
Apolo, Apolo rindo; um justo pejo
Prende a mão, torna o som desafinado.

10 «Néscio mortal, suspende a voz impura;
Qual é o Deus ou Númen que t'inspira
A tão estranha e bárbara loucura?

«A fermosa, a belíssima Delmira,
O seu agrado, a sua formosura
Dinos somente são da minha lira.»

310

4. Soneto *Ah, não julgues por teu constante peito*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 8610, p. 55

Soneto

Ah, não julgues por teu constante peito,
Por tua alma fiel, Dorindo honrado,
Que hás-de achar sempre firme e alumiado
O cego amor, a variar afeito.

5 Se teu afecto é pago e bem aceito,
Vigia sempre, Amigo, acautelado;
Que ele o piedoso peito tem varado
A quem lhe deu abrigo e brando leito.

10 Sucede ao Verão quente o Inverno frio,
As engelhadas rugas à beleza,
Ao grave ciso tonto desvario;

Se a Ciência da razão sofre incerteza,
Qual será das paixões o desvario
Se o Amor é paixão por natureza?

5. Romance *Sim, é justo, Senhor, eu o confesso*

Testemunho manuscrito: BNL, cod. 11491, pp. 273-278

Ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755

Romance

Sim, é justo, Senhor, eu o confesso;
Destruí, arrasai, matai, vingai-vos;
Uma Terra tão cheia de maldades
Não vejam vossos olhos puros, santos.

311

5 Que indignos são os Homens da piedade!
Fazeis-lhe benefícios, são ingratos;
Sofrei-los, os delitos acrescentam;
Vós paciente, os Homens tão contrários.

10 Por nós morreste[s]; nós vos ofendemos;
O sangue, vosso sangue, desprezamos;
A troco de fartar vis apetites,
Mais do que a um Deus, amamos um pecado.

15 Oh, cegueira! Oh, miséria! Oh, desatino!
Que sois Omnipotente confessamos;
Que sois Terrível, que vingais injúrias;
Porém temos valor para agravar-vos.

20 Usamos cada dia repetido
Em hórridos exemplos o ameaço;
Pendente o golpe, em nós tudo era medo;
Cessáveis, eram mais os desacertos.

Em vossos mesmos Templos, quantas vezes
Indo a pedir o pão quotidiano,
C'uma mão recebíamos a esmola,
Outra rasgava mais o santo Lado!

25 Roubos, calúnias, injustiças, mortes...
Mas eu, a repetir delitos tantos,
Ao dizer que o fizemos, me envergonho;
Vendo-se que o sofreste, cresce o agravo.

30 E não havíeis de acudir zeloso
A culpas tais pronto castigo dando?
Pode um Deus tolerar tão vis ofensas?
Destruí, arrasai, matai, vingai-vos.

35 Mas que terrível foi aquele dia!
O sangue gela, embarga a voz o pranto!
Corre por estes membros froxo susto!
Sinto inda sobre mim o vosso Braço!

40 Que é daquela magnífica Cidade?
Aonde está Lisboa? Em vão cuidamos
Que tem duração longa humanas glórias;
Ontem Lisboa; hoje um campo raso!

Um súbito Tremor a Terra abala
Precedido de um rouco estrondo vago;
Ferve o Tejo; chama voraz se acende;
Cobre o Sol grossa nuvem de um ar pardo.

45 Mortal pavor ocupa ânimos fortes;
Do Pobre a casa cai; cai o Palácio;
Estalam pedras, montes se desfazem;
Os vossos mesmos Templos arrasados.

50 O Mar com fúria indómita arremete;
A crespa carneirada vem saltando;
Caem altos muros; ao bater das ondas,
De um sorvo engole a tantos Disgraçados!

55 Todos a voz levantam, todos pedem
Que lhe acudais em tão horrível caso,
Ao ver que da mirrada mão da Morte
Seu curvo Ferro pende ensanguentado.

43. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: (3)-5-(8)-10.

51. A métrica impõe a sinérese em *Caem*.

6. Soneto *Torna doirada Idade, a Monarquia*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 264 = A / BNRJ, 2, 1, 18, p. 12 = A₁

Versão de A

Soneto

À nova Academia Real das Ciências, sendo Presidente D. João
de Bragança

313

Torna doirada Idade, a Monarquia
Desperta do letargo vergonhoso
Da ignorância rasgando o tenebroso
Véu que d'espessas nuvens a cobria.

5 Suas asas a cândida alegria
Dos bens patrícios sobre generoso
Coração, com anúncio venturoso
De rápidos progressos estendia.

10 De preciosos frutos coroadas
Lísia aparecerá, a frente alçando,
Já das Nações polidas respeitadas;

E carinhosa para o Duque olhando:
«Filho, dirá de gosto transportada,
É tua a glória de que estou gozando».

Leg. Real das Ciências] Real A,
1. doirada Idade, a] de ouro a idade; e a A₁

Leg. D. João de Bragança — D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de Lafões, um dos fundadores da Academia Real das Ciências (criada pelo Aviso Régio de 24 de Dezembro de 1779) e seu primeiro Presidente.